



MORAIS, Frederico. (1998) ARTE É O QUE EU E VOCÊ CHAMAMOS ARTE.- RIO DE JANEIRO. SÃO PAULO: RECORD.. 319 PÁGINAS.

Resenha por
Angela Ancora da Luz.
Mestre em Filosofia
Doutoranda em História
Escola de Bela Artes/UFRJ.

Em sua mais recente obra, *Arte é o que eu e você chamamos arte*, Frederico Morais pretende discutir conceitos e busca aprofundar o debate sobre a arte. Em sua investigação, ele compilou 801 definições sobre *arte* e o *sistema de arte*, segundo suas próprias palavras. Para tanto, recorreu ao pensamento de estetas, filósofos, artistas, críticos e historiadores, dentre outros, buscando, num período de aproximadamente dois mil anos, reflexões que possibilitassem não uma definição, mas um melhor conhecimento daquilo que se chama arte.

Frederico Morais nasceu em 1936 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Começou sua carreira como professor na Universidade Mineira de Arte e na Universidade Federal de Minas Gerais. Na década de sessenta transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde, de 1966 a 1973, passou a chefiar o Setor de Cursos do Museu de Arte Moderna e, de 1982 a 1983, o Departamento

de Artes Plásticas, também do MAM. A partir de então, suas atividades se multiplicaram no jornalismo, na curadoria de arte, e, sobretudo, na crítica de arte, ramo em que se tornou um dos mais representativos críticos. Suas colunas de arte em importantes periódicos como o Diário de Notícias (1967) e, mais tarde, O Globo, contribuíam para a formação de opinião; sua participação como organizador de *happenings* e curador de mais de setenta exposições sinalizavam, ainda, para a importância de Frederico Morais no panorama cultural brasileiro.

Depois de lançar quase trinta livros sobre arte brasileira e latino-americana, de produzir audiovisuais premiados, de integrar júris de salões, de participar de congressos e simpósios nos principais centros da América Latina e nos Estados Unidos, Frederico Morais nos oferece, agora, a possibilidade de refletir com ele sobre o que é a arte, numa experiência compartilhada com artistas, crí-

ticos, estetas, historiadores e até internos de hospitais psiquiátricos. Na verdade, “depois de exercer durante quarenta anos a crítica de arte devo dizer que eu também não sei mais o que é arte”, confessa o autor. A escolha da pluralidade de posições e assertivas sobre o assunto, portanto, não visa ao fechamento da questão; muito pelo contrário, Frederico Morais percebe a impossibilidade de definir e aponta o caminho plurívoco da reflexão, concluindo que arte é o que eu e você chamamos arte.

Os capítulos, ao todo dezenove, identificam agrupamentos de definições. Abrangem eles conceitos que procuram esclarecer a *Estética*, a *Arte*, o *Artista*, a *Obra*, e, assim, sucessivamente. Neles o autor apresenta a matéria da sua própria reflexão e cada ponto se desdobra em múltiplos tópicos. No capítulo XVII, por exemplo, sobre Arte Moderna, depois de registrar algumas ponderações sobre o assunto em si, apresenta-nos definições que vão do Impressionismo à Transvanguarda.

O último capítulo é dedicado à *Crítica de arte*. Na verdade, é uma conclusão em que o autor se debruça sobre o espelho que revela sua imagem; não é por acaso que a penúltima definição compilada é dele próprio. Será a obra que vai indicar ao crítico o método de sua abordagem: “Não há uma teoria prévia à obra. Cada obra pede uma interpretação diferente”. Se pudéssemos reduzir, de forma simplista, o conteúdo do livro ao conjunto das 801 definições, ainda assim teríamos que admitir a extraordinária contribuição de seu organizador. Contudo, a obra traz uma Introdução, que é, na realidade, um ensaio de

Frederico Morais sobre “para que servem definições de arte?” Ele discute conceitos emitidos por Mário de Andrade, na aula inaugural proferida para os alunos dos cursos de filosofia e história da arte do Instituto de Artes da antiga Universidade do Distrito Federal, em 1938, na qual o renomado crítico confessa não saber o que é *belo* e nem o que é *arte*, apesar de já tê-los definido diversas vezes. Mário de Andrade, no entanto, não está sozinho em sua confissão. Antes dele, em pleno Renascimento, quando o belo era buscado na inspiração clássica, Albrecht Dürer já afirmara: “não sei o que é a beleza, ainda que ela se encontre em muitas coisas”.

A partir das expressões definidas por tão diferentes autores, a complexidade do assunto é-nos apresentada com muita habilidade por Frederico Morais. Num par antitético de conceitos, e em dois parágrafos sucessivos, o autor nos afirma, pela boca de Naum Gabo, Ben Vautier e John Cage, que “a arte é tudo”. Logo a seguir ele deixa falar Francis Picabia, os integrantes do Grupo BMPT e o fluxista Ben Vautier para nos dizer que “a arte é nada”. De forma hábil, ele contrapõe Ben Vautier com ele mesmo em duas afirmações opostas que se contradizem enfaticamente. Se “a arte é uma escroqueria, um absurdo”, como proferiu Marcel Duchamp, ou se, muito pelo contrário, é “o lugar da liberdade perfeita”, como queria André Suarés, ou até, se ela não é o lugar, mas “uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida”, segundo Fayga Ostrower, o certo é que Frederico Morais procura, nas definições, sinalizar para a possibilidade de que todas as



contradições cabem na arte.

O próprio autor também se indaga sobre a finalidade de seu esforço, ao compilar tantas definições: “para que serve uma definição de arte?” E nos surpreende com o número de respostas que consegue formular: “ela serve para ser citada”. Mas, como citação, chega a transformar-se em metalinguagem - “art about art - em um novo ismo, o citacionismo em artes plásticas”.

Ao apresentar reflexões que se registram ao longo de um período de tempo tão vasto, onde regras e estilos se convertem à experiência de um homem que se renova, apesar de manter-se essencialmente o mesmo, ele nos encaminha para percebermos a imortalidade da arte: “simplesmente porque em arte não há progresso, como também não há decadência”. Assim, as “questões da arte são as questões de sempre”. Desta forma, assim como as indagações permanecem, dada a impossibilidade de encontrar uma resposta que satisfaça, no tempo e no espaço, a todas as questões formuladas, obrigando o homem a retornar às mesmas reflexões, da mesma forma, para o artista de todas as épocas, haverá sempre uma razão que o leva a produzir e a retornar, pois ele estará sempre procurando solucionar o mistério da forma. Se a dor da vida era, para Iberê Camargo, a força motriz que o levava a criar - “Eu não nasci para brincar com a figura, fazer berloques, enfeitar o mundo. Eu pinto porque a vida dói” -, para cada artista há de existir o registro de uma determinada dor que o incita a produzir, mesmo que esta dor seja, paradoxalmente, o prazer da vida.

É por esta razão que Frederico Morais também procura decifrar o mistério da arte e escolhe o caminho de recolher indagações, reflexões e contradições para nos forçar a desistir da apropriação de uma determinada resposta, uma vez que, na pluralidade, percebemos que, qualquer que seja a nossa escolha, ela será enganosa.

O próprio autor admite a facilidade com que os jovens firmam suas posições e delas se convencem, posições que, com o passar do tempo, à medida que vem o amadurecimento, vão sendo abaladas, até o ponto de não mais se ter certeza de nada.

A citação é a ponta de um *iceberg*. O objetivo de Frederico Morais é envolver-nos na reflexão, tornando-nos novos enunciadores de definições, mesmo que tal aconteça apenas na elaboração de nossos próprios pensamentos, razão por que ele concluirá: “arte é o que eu e você chamamos arte”.